

A CONSTRUÇÃO, CONSOLIDAÇÃO E O ESPETÁCULO DO PODER NO MÉXICO REVOLUCIONÁRIO

Carlos Alberto Sampaio Barbosa¹

"la solemnidad no es un característica del poder: *es el poder.*"
Carlos Monsivais

Resumo. A proposta central deste artigo é analisar a construção de uma dimensão visual dos eventos políticos mexicanos entre os anos de 1900 e 1940 através da interpretação do álbum *História Gráfica de la Revolución Mexicana* de Gustavo Casasola. Privilegiamos alguns tópicos de interpretação: os últimos dez anos do governo de Porfírio Díaz; a política no contexto da luta armada; o período da institucionalização da revolução; as solenidades políticas de eleição e posse; e a violência política.

Palavras-chave: Revolução Mexicana; Política; Cultura; Fotografia; História.

THE CONSTRUCTION, CONSOLIDATION AND POWER SPECTACLE IN REVOLUTIONARY MEXICO

Abstract. The chief goal of this article is to analyze the construction of a visual dimension of Mexican political events between 1900 and 1940 through the interpretation of *Historia Gráfica de la Revolución Mexicana*, an album published by Gustavo Casasola. Certain topics of interpretation have been underlined: the last ten years of the Porfírio Díaz administration, politics in the context of armed strife, the institutionalization period of the revolution, the political celebrations of polls and inauguration, and political violence.

Key words: Mexican revolution; politics; culture; photography; history.

O objetivo desse artigo é investigar a dimensão visual produzida pelas fotografias sobre eventos políticos da sociedade mexicana no período de 1900 a 1940, através da interpretação do álbum *História Gráfica*

1 Professor doutor de História da América da Universidade Estadual Paulista/Assis.

de la Revolución Mexicana.² O projeto do álbum foi executado basicamente por Gustavo Casasola e lançado em forma de fascículos durante a década de 1940. Ampliado continuamente, sua primeira publicação em livro deu-se em 1960 e a segunda edição em 1973, pela Editorial Trillas. Para a sua edição foram utilizadas fotografias do “Arquivo Casasola”, um rico acervo com cerca de seiscentas mil peças, colecionadas pelo pai, Agustín Casasola e por outros membros da família. Esse acervo, enriquecido com a compra de fotografias de outros fotógrafos, hoje se encontra na Fototeca de Pachuca, vinculada ao Instituto Nacional de Antropologia e História, órgão do Estado mexicano.

Retomemos, de início, uma reflexão de Claude Lefort (LEFORT, 1991, p. 9) sobre o político à luz da experiência do nosso tempo, buscando “[...] encontrar os sinais do político lá onde são, com mais frequência, ignorados, ou denegados [...]”. O autor reflete sobre a democracia moderna que estabelece um *mise en forme* que antecipa uma nova determinação-figuração do *lugar do poder*, a partir do qual se deixa ver e estabelece um novo pólo simbólico. Esse *lugar do poder*, ou novo espaço, implica numa dimensão da representação do poder na democracia moderna em que esse espaço se apresenta como o *lugar vazio*, ou seja, se estabelece um discurso de que o poder não pertence a ninguém, aquele que o exerce não o detém, apenas o encarna, ou seja, um grupo, pessoa ou partido político ocupa-o por certo tempo, sendo periodicamente renovado. O Estado adquire, nessa fase, uma impessoalidade. A sociedade não é mais representada na figura dos dois corpos do rei, como bem desenvolveu Ernst Kantorowicz (1998), ou de um príncipe, mas se configura nas representações de povo, nação e Estado, nas quais a identidade e condições sociais adquirem novos significados de unidade.

Seguindo as pistas lançadas por Lefort, pretendemos observar os sinais do poder visível e invisível através das fotografias que representam o espaço político mexicano presente nos álbuns. Pretendemos entender como se manifesta a dupla mediação, apresentada primeiro pelos fotógrafos e posteriormente pelos editores dos álbuns, na construção das imagens do poder.

Há várias manifestações fotográficas em relação ao político e ao poder, e um dos primeiros temas da fotografia política são os “retratos solenes” que cada novo presidente realiza. Advindo ainda da herança de

2 CASASOLA ZAPATA, Gustavo. *Historia gráfica de la Revolución Mexicana*. 10 vols. México: Editorial Trillas, 1973. Os dez volumes do álbum abarcam o período de 1900 a 1970; com um total de 3.711 páginas; divididos em 1.065 capítulos e 11.483 fotografias além de documentos, mapas, representações de moedas e gráficos.

uma tradição pictórica, quando o retratado aparecia em tamanho natural ou até maior, de pé ou sentado num trono, o retrato se impõe nos álbuns.

Em face da grande transformação política ocorrida no México com a Revolução, as imagens do poder se modificam. No período das décadas de 1920 e 1930, as fotografias mostram os governantes no dia-a-dia de seu trabalho, criando a ilusão da intimidade do governante com o povo, o que denota uma preocupação de determinar que a distância social fora abolida. Os novos homens públicos são retratados de forma a transmitir uma imagem de dinamismo, juventude, vitalidade, coragem e eficácia tanto no campo de batalha como no trato da coisa pública.

Os rituais de transmissão do poder; muito retratados no álbum, apresentam-se como um momento privilegiado de representação do político. Quando nos referimos a rituais presentes no álbum, referimo-nos aos que possuem uma regularidade relacionada aos períodos presidenciais: quatro ou seis anos de governo. Representam o lugar do poder ocupado transitoriamente, com alternância de personagem, o que é típico de um governo representativo.

Esses rituais também se prestam a uma tentativa de transmissão de valores sociais e políticos, além de permitirem uma aproximação entre governante e governados. As fotografias permitem ampliar as repercussões desses rituais entre a população: muito mais do que a palavra imprensa, a imagem atinge um número infinitamente maior de pessoas. Advém desse fato a necessidade de dar ênfase aos rituais de passagem entre o antigo ocupante do cargo presidencial e o novo. A declaração da vitória eleitoral, denominado no México de *bando*, e o juramento à Constituição, chamado de *protesta*, significavam momentos privilegiados de representação do poder, e por esse motivo eram intensamente retratados.

A existência de uma quantidade de fotografias sobre a política nesse período nos leva a supor que existia um sistema de construção e transmissão de imagens do poder. Quando nos referimos a sistema, temos em mente uma estrutura de produção que envolve fotógrafos, estúdios, equipamentos, empresas de comunicação e um público receptor, além, é claro, do político consciente da existência dessa engrenagem e da importância da construção da sua auto-imagem. Havia uma produção/encenação para um público muito amplo.

Desde o advento da fotografia há uma tendência ao realismo em detrimento de uma representação mais alegórica, própria da pintura, justificando a maior utilização da fotografia no registro dos atos políticos; e consolida-se uma dimensão visual em que o padrão visual de

representação é a imagem fotográfica. Os Casasola foram artífices, em conjunto com esse novo Estado, da construção dessa nova forma de visibilidade do poder.

Nos eventos políticos, como afirma Lefort, existe um elemento ritual intrínseco ao seu processo. As imagens estampadas nas centenas de páginas dos álbuns dos Casasola permitem explorar o significado desse poder.

A fotografia constitui um dos melhores instrumentos de representação e divulgação dessa solenidade do poder, permitindo ampliá-la para um número muito maior de pessoas, além daquelas que presenciaram diretamente o evento, aumentando sua potencialidade de recepção do espetáculo. Para compreender esse processo, estruturamos este artigo em cinco itens. O primeiro apresenta as transformações da representação do poder nos últimos dez anos do governo de Porfirio Díaz até o governo de Victoriano Huerta. O segundo item apresenta a política no contexto da luta armada, enfocando dois eventos fundamentais da busca de uma legitimidade institucional através dos capítulos do álbum dedicados à “Convenção de Aguascalientes” e ao “Congresso Constituinte” de Querétaro. O terceiro apresenta a passagem do período da guerra civil à institucionalização. O quarto procura seguir as campanhas e solenidades de posse e juramento dos governos pós-revolucionários, desde Álvaro Obregón até o governo de Lázaro Cárdenas, com o intuito de mostrar essas mudanças na política mexicana. O quinto item trata da violência política dos anos vinte e trinta nas diversas rebeliões e revoluções desse período, assim como nos confrontos políticos.

1. A IMAGEM DO PODER COMO BASTÃO SAGRADO: DE PORFÍRIO DÍAZ A VICTORIANO HUERTA

Os álbuns da *História Gráfica de la Revolución Mexicana*, deixando de lado as fotografias do movimento bélico, são essencialmente calcadas nos acontecimentos políticos mexicanos.³ Podemos observar que o álbum, de uma forma obsessiva, registra o exercício do poder. A tônica dessas fotografias de temática política girava em torno dos presidentes em exercício, dos principais líderes políticos, da atuação deles nas datas comemorativas e da "vida íntima" dos governantes. Essas fotografias

3 Segundo levantamento quantitativo realizado em todo o álbum o tema Político representa 33% do total de fotografias.

abarcam o que podemos definir como o espetáculo do poder com os seus ritos, essenciais para a afirmação de uma legitimidade recentemente constituída.

Como afirma Monsivais, "um país se governa desde os seus ritos" (MONSIVAIS, 1988, p. 331), e um dos ritos primordiais que os álbuns transmitem diz respeito aos momentos de eleições presidenciais e transmissão dos governos. Assim, uma das balizas cronológicas do álbum está relacionada aos períodos presidenciais, mais especificamente, à posse dos mandatários, e aos respectivos retratos solenes dos presidentes empossados. Essas fotografias revelam a "face do poder" de todos os presidentes mexicanos entre 1910 e 1940: Porfirio Díaz, Francisco Leon de la Barra, Francisco Madero, Victoriano Huerta, Francisco Carvajal, Eulalio Gutiérrez, Roque Gonzalez Garza, Venustiano Carranza, Adolfo de la Huerta, Álvaro Obregón, Plutarco Elias Calles, Emilio Portes Gil, Pascual Ortiz Rubio, Abelardo Rodrigues e Lázaro Cárdenas.

Vejamos como foram apresentados os acontecimentos políticos nos álbuns entre os governos de Díaz e Huerta. O primeiro capítulo⁴ do álbum inicia a "Biografia del General Porfirio Díaz". Na representação fotográfica dos rituais políticos e do poder de Porfirio Díaz, destacam-se algumas fotografias do ato, muito registrado nos álbuns denominado, em espanhol, *bando* presidencial, espécie de edito ou mandato solene com o resultado das eleições, o qual deveria ser divulgado ao público. Presenciamos imagens do *bando* presidencial em várias fotografias.

Outra solenidade muito recorrente refere-se ao juramento do presidente ou, em espanhol, a *protesta*, que nesse período acontecia na Câmara de Deputados. Esse evento, como um todo, propiciava uma série de momentos importantes do ponto de vista do registro visual, os quais eram divulgados através das fotografias, como a do desfile de Díaz pelas ruas da capital sendo observado pela população e a que o mostra escoltado pelo seu estado-maior.

Outros atos flagrados pelas câmeras dos fotógrafos referem-se a retratos coletivos de políticos, de assessores de diversos patamares da esfera federal, estadual e municipal que se deixam registrar ao lado do candidato, além de momentos de entrega de estandartes dos diversos clubes políticos. Os banquetes constituíram outro evento político fotografado em abundância, com o objetivo de visualizar o apoio ou

4 O álbum encontra-se dividido em capítulos que em geral tratam de um acontecimento histórico. Os capítulos são curtos e em média ocupam três páginas, sempre prevalecendo o elemento visual em detrimento do texto. Em média cada capítulo possui 5 fotografias.

comemorar um triunfo eleitoral. Os retratos coletivos das posses dos gabinetes, suas renúncias, respectivas trocas no meio de um mandato, também foram objeto de interesse.



Fig. I: Páginas do álbum que retrataram as cerimônias de posse da sexta reeleição do General Porfirio Díaz, 1904

Os retratos dos políticos, em especial de Díaz, foram realizados, em geral, em pé ou sentados. Nessas fotografias, os olhos do retratado são focalizados acima das do observador, reforçando a sua posição superior. As roupas eram solenes, pois o decoro não permitia que fossem mostrados em roupas do cotidiano. O fraque era o traje oficial ou, então, o uniforme característico do político da primeira década do século. Representam um símbolo da posição social elevada e da civilidade. Os ambientes ideais para a realização das fotos eram os palácios, gabinetes, salões, restaurantes luxuosos, enfim, o espaço interior do poder. Os objetos que compunham a cena eram as cadeiras presidenciais, poltronas, palanques, cortinas, mesas de trabalho, associados ao poder e a sua magnificência. A postura e a expressão estática transmitem a sua ação de dignidade, autoridade e permanência no poder. Elas nos remetem aos padrões da pintura e da escultura do passado. A representação simbólica do poder exigia que os trajes fossem condizentes com a posição de mando; a imagem clássica do poder, cercada por armadura, manto, cedro, colunas, cortinas de veludo, retratos de antepassados e livros, constituíram um modelo que sugere autoridade, dignidade e distância em relação aos subordinados. Vamos encontrar nas imagens de Porfirio Díaz, vestígios desse modelo, mas nas fotografias dos políticos contemporâneos e posteriores à Revolução não encontramos mais essa

postura. As vestimentas e o espaço de representação da época do porfiriato marcam nítido contraste com as fotografias da Revolução.

No álbum há uma marca muito clara das fotos oficiais dos presidentes, que se reproduziram obrigatoriamente em todas as repartições públicas, escolas públicas e, em alguns casos, em estabelecimentos privados e particulares. Essa fotografia oficial dava ao retratado, o presidente, uma idéia de onipresença.

Encontramos também as representações fotográficas da oposição, principalmente da campanha *antirreleccionismo*. Nessas representações se destacam os retratos individuais dos principais líderes políticos da campanha contra uma nova reeleição de Díaz. Os retratos coletivos surgem novamente; neles vemos um grupo de pessoas que fundaram o Partido Nacional Democrático. A inserção de dois documentos e de uma montagem com reproduções das manchetes de dois jornais chama a atenção. O primeiro documento refere-se a uma ata de fundação do *Club Antirreleccionista Valetin Gómez Farias* e o segundo, uma carta de Francisco Madero a Manuel Urquidi. Esse formato de edição com inserções de documentos constitui a enunciação de um discurso imagético relacionado ao álbum que visualmente procura construir a história do México.

Ainda no campo que denominamos representação da oposição ao porfiriato, encontramos os capítulos "Antirreleccionismo – 1900-1908" e "Plan Liberal". Neles vemos uma galeria de retratos com fotografias dos participantes desses movimentos como Antonio I. Vilarreal, Juan Sarabia, Santiago R. de la Veja, Luis Cabrera, Diodoro Batalha, Filomeno Mata, Julio Uranga, Carlos Uranga, Cesar Cannales, Fernando Iglesias Calderon, E. Flores Magón, R. Flores Magón, J. Flores Magón, Camilo Arriaga, Librado Rivera, Praxedis Guerrero, Antonio Diaz Soto y Gama e Alfonso Craviooto. As campanhas políticas de Madero surgem nas páginas seguintes, assim como, a Convenção *Antirreleccionista*, com fotografias da Assembléia, de manifestações populares de apoio e da conseqüente repressão policial.

Em relação ao momento da renúncia de Porfirio Díaz, três fotografias apresentam a reação popular a sua saída do poder: a primeira mostra um pequeno grupo bebendo cerveja com bandeiras e estandartes contra Díaz e as demais retratam uma multidão se concentrando no Zócalo, nos tetos dos bondes e, segundo a legenda, gritando "Viva Madero! Viva la Revolución! Muera al Gal. Díaz!". Um novo governo toma posse com a renúncia de Díaz. Nesse contexto, encontramos um retrato solene do licenciado Francisco León de la Barra, com imagens

suas fazendo o juramento (*protesta*) na Câmara dos Deputados como presidente provisório e do seu novo gabinete.

O último capítulo do primeiro volume registrou o lançamento de Madero como candidato à presidência da República, mas a campanha presidencial de 1911 foi apresentada principalmente nos capítulos que abrem o segundo volume do álbum. O que mais chama a atenção nas fotografias sobre o período Madero são as imagens da campanha eleitoral e do dia da posse, quando ele apareceu discursando para um grande público, o que não existia no período anterior. Nas fotografias referentes ao capítulo "Madero, presidente electo" vemos três imagens em que o líder discursou para o público, de um balcão, e divisamos a população aglomerada nos espaços disponíveis para melhor ouvi-lo e vê-lo: em cima dos bondes ou dos carros. Outras fotografias que devem ser destacadas dizem respeito aos retratos coletivos com partidários e membros de clubes políticos.

O período governamental de Madero (novembro de 1911 a fevereiro de 1913) foi curto, mas contou com uma oposição, tanto militar (golpista) como política. As representações fotográficas que se destacam nesse contexto referem-se às imagens dos acontecimentos políticos, mas com uma diferenciação temática, pois, além de abarcar os mesmos padrões anteriores – foto solene/oficial, *bando* presidencial, *protesta*, desfile na rua, gabinete, banquetes – mostram fotografias do presidente com grupos específicos: clubes políticos ou grupos que referenciam uma classe ou uma categoria. Os álbuns mostram também os acontecimentos políticos com a participação do público. Apesar de podermos dizer que existia apenas uma incipiente democracia, começa a surgir nesse momento uma nova representação do político: ele se apresenta ao público como líder popular. Este constitui um dos primeiros sinais de mudança para uma nova imagem do poder. Essa nova visibilidade foi interrompida com o advento da Revolução, e só seria retomada na década de 1920, em um novo patamar.

O curto governo de Victoriano Huerta (19 de fevereiro de 1913 a 15 de julho de 1914), somado ao acirramento do conflito armado, desviou o foco do editor dos álbuns dos acontecimentos políticos para o movimento armado⁵: o segundo e terceiro volumes, que abarcam esse governo, reduzem as fotografias políticas. Essa escassez de imagens pode

5 A representação fotográfica da temática Movimento Armado, de 22% no primeiro volume, vai para 45% no segundo, 63% no terceiro e volta para 26% no quarto, enquanto que, a temáticas Política, seguem a seguinte trajetória: 23% no primeiro, 19% no segundo, 19% no terceiro e 23% no quarto.

ser explicada pelo quadro de luta civil generalizada em todo o país, o que levou o editor dos álbuns a privilegiar, na edição, as fotografias que enfocavam a temática da Revolução. Não obstante isso, o governo de Huerta procurou construir uma imagem de legalidade, captada pelos fotógrafos: no álbum há vários capítulos que procuraram representar a existência de uma vida política normal, apesar da guerra civil.

Nessa fase de crise da estrutura política do Estado mexicano, observamos que, apesar da expansão da guerra civil, os vários capítulos do álbum fotografados revelam uma vontade de manter uma ilusão de normalidade política. As fotografias continuam a apresentar as imagens dos gabinetes presidenciais, dos banquetes, das festas cívicas. Nota-se a ausência de fotografias de manifestações políticas públicas e de grandes públicos. Surge, como novidade, um destaque maior para os acontecimentos que envolvem a câmara dos deputados, sua dissolução e as eleições para legitimar o governo Huerta. Chama ainda a atenção um capítulo que cobre o reconhecimento internacional de alguns países ao novo governo, o que revela uma busca incessante de legitimação, tanto nacional como internacional, do governo.

Os álbuns procuram transmitir uma sensação de continuidade política, de manutenção de uma legalidade duvidosa. O próximo passo dos álbuns, na esfera política, será focar essa busca de legalidade, após a renúncia de Huerta. Com sua queda, assumiu o poder o Ministro das Relações Exteriores, Francisco C. Carbajal. O interinato deste durou poucos dias, pois Obregón, representantes do Exército Federal e delegados das embaixadas da Inglaterra, Brasil, França e Guatemala assinaram o Tratado de Teoloyucan, simbolizando a dissolução das forças armadas e o fim dos conflitos.

O governo ditatorial de Huerta terminava e começava uma batalha pela paz e por uma reorganização do Estado mexicano. As forças vitoriosas eram muito heterogêneas do ponto de vista social, econômico, geográfico, cultural e em relação ao projeto político para o país. Num primeiro momento o *Primer Jefe*, Venustiano Carranza, foi quem centralizou o amplo espectro político-social. Os capítulos "Entrada triunfal del Ejército Constitucionalista a la capital de la República" e "Entrada triunfal del Primer Jefe, Don Venustiano Carranza, a la Ciudad de México", simbolizaram a entrada triunfal das forças revolucionárias vitoriosas no centro do poder. A narrativa iniciava com a saída do exército derrotado, para logo depois mostrar as tropas vitoriosas desfilando pelas ruas e pela praça central, núcleo fundamental da política mexicana. Os soldados, a cavalo, levavam bandeiras e armas em punho.

Nos meses seguintes essas forças se aglutinam em torno de duas grandes propostas: a Convenção de Aguascalientes e a Constituinte de Querétaro.

2 A POLÍTICA NA ENCRUZILHADA DA REVOLUÇÃO

Com a vitória militar da coalizão das forças que se antepuseram ao governo de Huerta e a dissolução do Exército Federal, a grande tarefa que se colocou no horizonte dos revolucionários mexicanos era reorganizar o Estado, e isto passava pela pacificação do país através da realização de um grande acordo entre as diversas facções em luta. Álvaro Obregón exerceu um papel fundamental nessa tentativa de manutenção da unidade e convenceu tanto os representantes villistas como os carrancistas a cumprirem o Pacto de Torreon⁶ e convocarem a Convenção Revolucionária Mexicana para o dia 1º de outubro de 1914. Na Convenção todos os militares envolvidos na luta contra Huerta participariam representados por delegados eleitos na proporção de um para cada mil revolucionários. Essa convenção se realizaria na Cidade do México, no recinto da Câmara dos Deputados.

A princípio, os villistas se recusaram a comparecer, alegando que a capital não era um local neutro. A Convenção Revolucionária, no intuito de aglutinar as forças, aprovou a mudança de local e escolheu a cidade de Aguascalientes. Assim, no dia 10 de outubro, reiniciaram-se os trabalhos no Teatro Morelos. Com o estabelecimento em local neutro, novamente foram convidadas a enviar representantes as diversas facções revolucionárias. Existiam cinco grupos distintos: os carrancistas, os villistas, um terceiro grupo de 26 delegados zapatistas, um quarto grupo de delegados obregonistas e, por fim, um grupo de representantes "independentes". Faziam parte dessa Convenção 57 generais, governadores militares, 95 representantes de tropas e mais a delegação zapatista. Portanto, essa convenção ficou restrita aos elementos militares, deixando de fora os civis, que em grande parte apoiavam Carranza.

A Soberana Convenção, título conferido no primeiro dia de atuação, para marcar sua posição de independência dos diversos grupos políticos, na tentativa de resolver as rivalidades entre os diversos líderes, votou pela renúncia simultânea dos três líderes principais: Carranza, Villa

⁶ Pacto que selou o acordo entre Francisco Villa e Venustiano Carranza, no qual ficou estabelecido que, assim que fosse derrubado o governo ditatorial de Victoriano Huerta se convocaria uma Convenção das tropas revolucionárias para se discutir as eleições e demais assuntos de interesse geral.

e Zapata. O primeiro não reconheceu a autoridade jurídica da assembléia e retirou-se para a cidade-porto de Veracruz. Villa foi reconhecido como chefe da *División del Norte* e Zapata, do Exército do Sul, pelo novo presidente provisório, Eulalio Gutierrez. Obregón e seus delegados optaram por permanecer ao lado de Carranza e abandonam a assembléia. Com Carranza deixando a capital, as tropas que apoiavam a Convenção, basicamente as zapatistas e villistas, ocupam a Cidade do México, fato que ocorreu nos dias 24 e 25 de novembro de 1914 (TOBLER, 1994 e GILLY, 1994).

No que toca à Convenção de Aguascalientes, há uma série de capítulos que mostram os acontecimentos nesse evento ocorridos. Agustín Casasola envia, para cobrir a Convenção, seu filho, Gustavo Casasola, na época com apenas 14 anos: essa foi a iniciação do adolescente no fotojornalismo. Nesse período tanto Agustín como Miguel (seu irmão mais novo) praticamente não saíram da capital, o que explica as poucas imagens no álbum referentes aos exércitos constitucionalistas, que nesse período encontravam-se fora da capital. (RUVACABA, 1996, p.194).

As fotografias mais recorrentes foram as referentes à mesa diretiva, aos grupos de delegados carrancistas, villistas e zapatistas, ao ato de assinatura da bandeira como forma simbólica de juramento às decisões da Soberana Convenção, além de retratos dos participantes, individuais ou em pequenos grupos, do salão com os delegados assistindo aos debates e discursos e da eleição e juramento de Eulalio Gutierrez como presidente provisório.

Um acontecimento que gerou muita polêmica ocorreu durante o discurso de Antonio Díaz Soto y Gama, delegado zapatista, que se recusou a assinar a bandeira mexicana, pois "que esse estandarte en el que há jurado la Asamblea, es la de Iturbide y la de Iguala; que él no firmaría, porque vale más la palabra de honor que la firma estampada en esa bandera" (CASASOLA, 1973, vol. III, p. 901). Tal atitude gerou vários protestos e os delegados carrancistas beijaram a bandeira e a levaram para guardá-la junto a esses delegados. A retratação deste fato nos álbuns era reveladora da leitura que o editor realizou: apresenta os obregonistas e os carrancistas como guardiães do símbolo pátrio.

O que o álbum transmite é uma tentativa de restaurar o campo político e uma reestruturação do ritual político. A Convenção representou uma forma de recuperar uma divisão patente na sociedade mexicana, divisão esta que deu origem ao grande cisma. A Revolução Mexicana se encontrava numa encruzilhada entre dois projetos políticos: um deles

surgido das propostas da Convenção, hegemonizado pelas facções zapatistas e villistas e com apoio de grupos menores, e outro, comandado por Carranza, o qual desembocou na Assembléia Constituinte, que veremos a seguir.

A imagem do espaço político foi preenchida pelos delegados militares, embora muitos deles se apresentem em trajes civis. A proibição da participação dos civis era sintomática do momento político. As fotografias confirmam também a afirmação de que muitos dos delegados eram, na realidade, representantes **designados**, ou seja, um delegado militar designava um terceiro para representá-lo e em muitos casos eram civis. As concessões de credenciais também não eram as mais rigorosas, e assim os civis não estiveram de todo excluídos da Convenção. Os capítulos no álbum deste evento colocam em cena a temática da política não focalizada na figura de um personagem central, mas na dos delegados participantes do evento.

Com a desocupação da Cidade do México pelas forças constitucionalistas, a Convenção transferiu-se, a partir de 1º de janeiro de 1915, para a capital. Sua mudança para a Cidade do México foi uma das muitas que se realizaram até a sua dissolução completa em outubro de 1915. A Convenção significou a união das facções villistas e zapatistas, por alguns meses, porque posteriormente houve desentendimentos que levaram a uma ruptura entre elas. Essa união temporária permitiu a ocupação do poder central e o fato deu origem a uma das imagens mais marcantes da Revolução: fotos de Villa e Zapata sentados na cadeira presidencial no Palácio Nacional, após a entrada triunfal dos dois exércitos na Cidade do México.⁷

Ao contrário do caso da Convenção, quando designaram Gustavo Casasola (na época, um iniciante no ofício de fotógrafo) para retratá-la, Agustín e Miguel Casasola se deslocaram para essa cidade e montaram um estúdio para cobrir, com maiores possibilidades, esse grande evento político. Nesse trecho do álbum as fotos mostram o nascimento do novo Estado mexicano, surgido a partir da elaboração da "Carta Magna" que passou a reger os destinos do país.

7 Para uma discussão mais aprofundada da Convenção de Aguascalientes veja principalmente ULLOA, Berta. *História de la Revolución Mexicana 1914-1917: la revolución escindida*. Vol. 4. México: El Colegio de México, 1981. Os dois estudos mais profundos da Convenção são: os de AMAYA, Luis Fernando. *La Soberana Convención Revolucionária, 1914-1916*. México: Editorial F. Trilhas, 1966 e QUIRK, Robert E. *La Revolución Mexicana. La Convención de Aguascalientes, 1914-1915*. México: Editorial Azteca, 1962.

As fotos referentes ao Congresso Constituinte de Querétaro, que se realizou nessa cidade entre os dias 1º dezembro de 1916 e 31 de janeiro de 1917, ao contrário dos capítulos destinados à Convenção (pequenos, fragmentados e dispersos no álbum), ocupam um espaço muito maior dentro do álbum. Em primeiro lugar, esse capítulo ocupa 42 páginas com 28 fotografias. Sua proposta gráfica é muito mais formal, com fotografias retangulares verticais, ocupando a terça parte superior das páginas ímpares. Essa proposta editorial criou uma maior regularidade no ritmo de leitura. O capítulo iniciou-se com uma fotografia mostrando a fachada do teatro onde se realizou o congresso, o "Histórico Teatro Iturbide". A escolha para o local de deliberação da nova Constituição convocada para lançar as bases do novo Estado mexicano foi significativa, pois o local recebeu o nome do herói da consumação da independência mexicana, uma figura conservadora que reprimiu as tentativas populares de conquistar autonomia.

Merecem destaque as nove fotografias em que se apresentam delegados respectivamente dos estados de Guanajuato, Oaxaca, Puebla, San Luis Potosí, Coahuila, Michoacán e do Distrito Federal rodeando Venustiano Carranza, sentado no centro. Esses delegados formavam a ala carrancista ou liberal, que se contrapunha aos obregonistas, que formavam a ala progressista ou jacobina do Congresso.

É difícil definir, com precisão, os deputados progressistas e liberais de acordo com critérios precisos de origem social, posição econômica, idade, condição civil ou militar. Podemos estabelecer as posições políticas dos delegados segundo critérios de procedência regional. Os jacobinos provinham do noroeste e da costa do golfo, enquanto os carrancistas eram originários de Coahuila e do centro do país. Os delegados dessa ala, formada por uma elite civil, acreditavam em métodos tradicionais de estabilização social e defendiam poucas mudanças em relação à Constituição de 1857. Não acreditavam em reformas sociais e se batiam por um Estado que tivesse pouca capacidade de intervenção na esfera econômica e social. Defendiam instituições semelhantes à de países como a Inglaterra e os Estados Unidos. Seu principal líder era Felix Palavicini.

Quando tratamos da dimensão visual, em muitas oportunidades o invisível, o ausente, permite algumas reflexões. Os delegados progressistas estão ausentes dessas fotografias. Novamente encontramos na narrativa visual uma simpatia pelas posições carrancistas, o que confirma uma preferência mais conservadora dos fotógrafos e do editor dos álbuns.

Os textos que fazem parte desse capítulo foram em sua totalidade reproduzidos dos discursos e debates do Congresso que eram publicados no jornal *Diário do Congresso*. Esse recurso de utilização de discursos retirados de jornais da época, de documentos, programas, panfletos, planos, cartas, telegramas introduzidos nos álbuns, procura construir uma estratégia discursiva da representação da história; podemos dizer que uma espécie de âncora histórica. Dito de outra forma, a edição do álbum procura ser a mais objetiva possível, mostrando o que "realmente aconteceu". Assim, os álbuns, além de contar com as fotografias e seu *status* de "olho da história", procuram alicerçar na parte textual a vinculação com um discurso histórico. A pretensão da objetividade oculta a posição subjetiva do editor do álbum perante a história que ele procura passar através do visual e extratos de textos.

A enorme barba branca de Venustiano Carranza, , seus atos políticos simbólicos, como, por exemplo, a peregrinação a cavalo da capital até a cidade de Querétaro, onde estabelece a capital provisória da nação durante os trabalhos de elaboração das novas "tábuas da lei", a Constituição de 1917 e a posição central que ele ocupa na narrativa visual o colocam como um "Moisés mexicano". Na parte visual, podemos considerar a última fotografia como muito significativa: na montagem de várias fotos panorâmicas, onde presumivelmente todos os deputados da Constituinte estão presentes, Carranza aparece no centro da imagem, evidenciando seu papel de líder político que rege a assembléia.

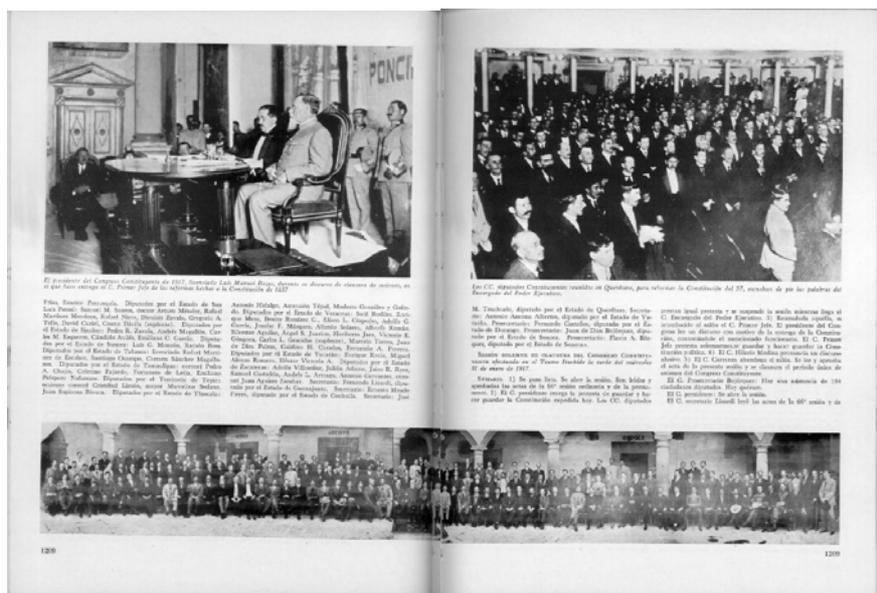


Fig. II: Congresso Constituinte de Querétaro, 1917

Essa predominância de Carranza é complementada nesse volume com os capítulos e fotografias que cobrem sua eleição como presidente constitucional. As eleições para deputado, senador e presidente foram marcadas para o dia 11 de março. Eleito sem dificuldade, seu juramento e posse acontecem no dia 1º de maio de 1917. Nas eleições legislativas o Partido Liberal Constitucionalista ganha todas as cadeiras, e dos 213 mil votos válidos para a presidência, Carranza recebe 197 mil, ficando os restantes divididos entre Álvaro Obregón e Pablo González.⁸ Os capítulos referentes à posse do Congresso e de Venustiano Carranza não apresentam grandes novidades visuais. Sua fotografia como presidente constitucional o mostra sentado em uma cadeira, vestindo traje escuro e a faixa presidencial sob o colete. As fotografias da declaração solene da promulgação da eleição, a sua fixação em locais públicos (*bando presidencial*) e o posterior juramento (*protesta*) observam uma seqüência semelhante à dos presidentes anteriores.

8 Após a posse dos deputados dividiram-se em 20 carrancistas incondicionais, 80 obregonistas e 100 "independentes".

Uma primeira constatação que podemos tirar do capítulo sobre a Constituinte é que este é estruturado em sua forma narrativa com uma proposta gráfica formal em comparação com os capítulos sobre a Convenção. A importância maior deste evento em relação ao outro já pode ser denotada pelo deslocamento de Agustín e Miguel para esta cidade e o estabelecimento de um estúdio lá, enquanto para a Convenção enviou seu filho, Gustavo, jovem aprendiz. Além da grande quantidade de páginas, a quantidade de fotografias é menor. Podemos observar que a proposta visual se apresenta mais forte e com um ritmo de leitura mais lento que a média geral expressa no álbum. Esse tratamento supõe uma visão mais solene do acontecimento.

Do ponto de vista político, as fotografias de Carranza, que o colocam no centro do poder constitucional, mostram que, se Carranza não podia ser visto como um líder militar da Revolução, ganhou destaque no álbum como o líder político da nação. Com a sua posse na presidência do novo Estado mexicano para um mandato que terminaria em novembro de 1920, ele domina o espetáculo visível.

3. A DOMESTICAÇÃO DOS GUERREIROS

No quarto volume encontramos uma novidade no discurso visual dos álbuns: as campanhas políticas. Ele se inicia com o lançamento da candidatura de Álvaro Obregón, em maio de 1919, para a sucessão de Carranza nas eleições marcadas para 20 de novembro de 1920. Nesse pequeno capítulo, constatamos novamente uma narrativa pró-carrancista do editor do álbum, pois, segundo este, Obregón não aguardara o momento oportuno de lançar sua candidatura, além de atacar o governante:

Publicamente se conhecia que o general Álvaro Obregón era o candidato presidencial do senhor Venustiano Carranza, mas como em seu manifesto o general Álvaro Obregón censurou a Administração do presidente da República, acusando-o de não haver podido pacificar o país, o panorama político mudou subitamente. (CASASOLA, 1973, vol. IV, p 1326)

Carranza, durante todo o seu período governamental, procurou neutralizar o poder político de Obregón, principalmente no que dizia respeito a sua influência entre os generais e demais militares revolucionários. O seu pedido de adiamento das candidaturas visava conseguir mais tempo para a consecução de seu intento. A retirada de

Obregón à vida privada como fazendeiro foi também uma estratégia política deste para permitir maior campo de manobra. A manifestação da sua candidatura foi apenas a concretização de seus objetivos anteriores. O manifesto lançado à nação em 1º de junho de 1919 foi reproduzido na íntegra nas páginas dos álbuns, e nele Obregón procura mostrar que estava vinculado à tradição dos partidos e das idéias liberais mexicanas desde sua independência, sugerindo que Carranza, ao contrário, estava vinculado aos conservadores. Segundo Obregón, o problema dos liberais no México era sua divisão em várias facções, e para solucionar tal problema, a grande tarefa política era a fundação de um grande partido liberal, que unisse as diferentes correntes. Já se apresentava no horizonte a fundação do partido da Revolução⁹ (CASASOLA, 1973, vol. IV, p. 1327-1331)

Após o lançamento da candidatura de Obregón pelo Partido Liberal Constitucionalista e e sua campanha política pelo país, sucedeu-se o lançamento das demais candidaturas: General Pablo Gonzalez, pela Liga Democrática, e do engenheiro Ignacio Bonillas pelos partidos Liberal Democrático, Civilista e Antimilitarista. As fotografias estampadas nesses capítulos seguiram um padrão: mostram os candidatos e partidários discursando em teatros, em balcões de edifícios, e os banquetes de campanha com políticos que prestam apoio a cada um dos candidatos. Há fotografias de passeatas, de concentração de populares em estações de trens aguardando ou ouvindo os candidatos e de comícios políticos.

Carranza, numa tentativa de solapar a campanha política de Obregón, decretou uma intervenção militar no Estado de Sonora, sob o pretexto de que esse Estado não havia se submetido às decisões do Governo Federal no que dizia respeito ao rio Sonora, declarado propriedade da Nação. As autoridades locais, claramente obregonistas, representadas por seu governador Adolfo de La Huerta, não aceitaram tal decisão. Quando Carranza decretou um novo comandante militar para o Estado, o governador e o comandante das forças do estado, General Plutarco Ellias Calles, rebelaram-se e lançaram a "Revolução Constitucionalista Liberal", explicitando os objetivos do movimento através do manifesto denominado "Plano de Agua Prieta".

Todos esses embates políticos e militares eram acompanhados pelo álbum. O manifesto sonorensense também foi apresentado em sua

9 Para um aprofundamento dessa discussão veja o livro de Luis Medina Peña. *Hacia el nuevo Estado: México: 1920-1930*. México: FCE, 1994, p. 53-57.

íntegra no álbum, inclusive com as assinaturas dos signatários do plano, seguindo uma galeria de retratos que apresentavam a nova “face da revolução”, capitaneada pelos seguintes generais: Enrique Estrada, Pascual Ortiz Rubio, Lázaro Cárdenas, Benjamin G. Hill, entre outros. Alguns deles tornaram-se mais tarde presidentes da república. Carranza, sem base de apoio político, e numa situação militar insustentável, tentou fugir para Veracruz, mas foi interceptado no meio do caminho e acabou morto numa pequena localidade na serra de Puebla chamada Tlaxcalantongo. (CASASOLA, 1973, vol. IV, p. 1405-1421)

O ano de 1920 marcou o fim da revolução, com o último levantamento vitorioso de uma facção regional aglutinada em torno de um grupo de sonorenses liderados por Obregón, e assinalou a transição da revolução violenta para a institucional (KNIGHT, 1998, vol. II, p. 1045).

A campanha política de Obregón constituiu-se na realização de uma série de acordos com outros revolucionários, mas foi também marcada por expulsões, exílios espontâneos e mortes: os felicistas, que atuavam desde meados de 1916 no Estado de Oaxaca como uma facção independente, depuseram as armas, e seu líder Félix Díaz exilou-se, enquanto Manuel Peláez, Fernández Ruiz e Pablo Gonzalez fizeram acordos e foram incorporados à vida política mexicana. O último, ex-candidato à eleição, apareceu numa fotografia ao lado de Obregón para demonstrar o pacto firmado entre eles. Quanto ao Exército do Sul, Gildardo Magaña e Genovevo de la O, últimos líderes remanescentes do zapatismo, aderiram ao Plano de Agua Prieta e desfilaram junto com as tropas vencedoras na capital, e também posaram para várias fotografias. Villa “retirou-se” para uma fazenda em Durango, depois de um acordo de paz.

A “dinastia sonorenses”, a facção vitoriosa, passou a controlar o Estado com a nomeação, pelo Congresso, de Adolfo de La Huerta, “Chefe Supremo da Revolução Constitucionalista Liberal”, como Presidente Provisório da República, com direito a fotografias de declaração do *bando* e a *protesta* na Assembléia do Congresso em 1º de junho de 1920. Foi realizada a tradicional fotografia oficial do presidente com a faixa presidencial, em retrato de meio corpo. A foto da saída da Câmara dos Deputados não foi realizada, e não vemos em nenhuma delas a presença de público presenciando a cerimônia.

O destaque do registro visual do governo de Adolfo de La Huerta foi apresentado no capítulo seguinte, quando ocorre um grandioso desfile militar no dia subsequente à sua posse, com vinte mil soldados, que

garantiam sustentação ao *Plano de Agua Prieta*. As fotografias procuram transmitir a união das diferentes facções políticas, regionais e étnicas. Foram estampadas, também aqui, imagens do desfile de grupos tão diversos como os dos generais Álvaro Obregón, Benjamín G. Hill, Jacinto B. Treviño e Manuel Peláez. Os primeiros eram representantes dos sonorenses, e o último, uma espécie de “gangster” e mercenário, pois mantinha relações com representantes das companhias petrolíferas estrangeiras na região da Huasteca veracruzana, além de contatos com os grupos ligados a Félix Díaz, filho de Porfirio Díaz. Estampavam-se também fotografias do grupo do General Guadalupe Sanchez, veracruzano de origem, que atuou no sul e havia jurado lealdade a Carranza, prometendo proteção a este para a sua fuga, mas que rapidamente aliou-se aos sonorenses. Pode ser visto ainda o líder revolucionário do Estado de Sinaloa, Enrique Estrada. Além desses generais, também foram apresentadas fotografias dos batalhões de índios Yaquis. Mas há uma foto que merece destaque: nela aparecem, lado a lado, Pablo Gonzalez, general encarregado, durante o governo de Carranza, da repressão aos zapatistas em Morelos, e Genovevo de la O, um dos líderes do Exército do Sul, no balcão do Palácio Nacional, os dois assistindo ao desfile das tropas. Essa foto revela até que ponto chegaram as alianças. (CASASOLA, 1973, vol. IV, p. 1429-1435)

Outras fotografias que chamam a atenção foram realizadas do lado interno do Palácio Nacional. Há imagens de vários líderes ao lado do novo mandatário da nação, sentado na tradicional cadeira presidencial, tendo ao seu lado Plutarco Elias Calles, Benjamín G. Hill, Salvador Alvarado, Genovevo de la O, este ao lado de Pablo Gonzalez e demais líderes revolucionários. Nessas fotografias Genovevo de la O faz lembrar Emiliano Zapata, sentado ao lado de Villa, no mesmo Palácio, com seus olhos desconfiados, fitando a câmera fotográfica, seis anos antes.

4 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA REVOLUÇÃO

O objetivo desse item é acompanhar como se estruturou no álbum um discurso visual da política entre a eleição e posse de Álvaro Obregón em 1920, momento que representou o início da institucionalização da Revolução, até a sua consolidação durante o governo de Lázaro Cárdenas, entre 1934 e 1940.

As fotos das eleições de deputados e senadores foram feitas em 1º de agosto e as presidenciais, em 5 de setembro de 1920; e foram apresentadas no quinto volume do álbum. As fotografias estampam o

presidente, os candidatos e imagens de populares depositando seu voto nas seções eleitorais, além de uma reprodução do título eleitoral (*boleta – credencial*) do presidente provisório Huerta. O capítulo estampou ainda imagens da instalação do XXIX Congresso da União.

O capítulo que marcou a confirmação de Obregón como presidente eleito trouxe uma novidade visual: ele posou ao lado de sua esposa e filhos gêmeos. Já sua fotografia oficial como presidente empossado representou-o em pé, de meio perfil, destacando seu lado esquerdo ao lado da cadeira presidencial. Essa composição visual denota uma nova postura perante a máquina fotográfica e o poder. Ao contrário de Carranza, Obregón possuía um cinegrafista e um fotógrafo particulares, o que nos faz supor que ele fosse consciente da importância do novo meio de comunicação para projetar a melhor imagem de sua figura política. Já as fotografias que completam o capítulo referente ao juramento, à declaração do bando, a banquetes e festas da posse não trouxeram maiores novidades.

As fotografias do processo de campanha, eleição e posse de Calles, em 1924, apresentaram grandes novidades. No capítulo que mostrou o lançamento da sua campanha, em meados de 1923, pelos partidos Laborista Mexicano e Agrarista, ele aparece ao lado do seu chefe de propaganda, Puig Casaurac, em fotografias que mostram uma transmissão radiofônica, denotando o início de uma nova fase das campanhas políticas, com o uso do rádio e a necessidade de uma pessoa que coordenasse as ações de campanha e propaganda. Calles foi fotografado em meio à multidão nas ruas da capital, e com simpatizantes portando faixas em manifestações ocorridas na cidade, em um comício realizado nas dependências de um teatro e na convenção do Partido Agrarista. (CASASOLA, 1973, vol. V, p. 1629-1633).

Pela primeira vez um candidato desce à rua e à cidade para fazer campanha eleitoral e se apresenta em manifestações públicas, o que não era registrado desde as campanhas de Madero, em 1910. Essas imagens denotam uma maior complexidade das campanhas políticas: nesse período houve proliferação de partidos e grupos políticos regionais e locais e já havia sinais do personalismo que iria dominar a vida política mexicana desde então. Chegou-se a identificar aproximadamente oito mil partidos políticos no final da década de 1920 (MEDINA PEÑA, 1994, p. 60).

A posse de Calles, em 30 de novembro de 1924, representou outra grande mudança do ponto de vista da representação visual. O Congresso da União instalou-se no Estádio Nacional para receber o juramento (*protesta*). Nesse local, além do Congresso, encontravam-se os representantes do corpo diplomático, funcionários públicos, oficiais do

exército e mais de quarenta mil pessoas. Entre as fotografias que foram estampadas nesse capítulo há uma foto oficial de Calles como presidente constitucional, onde aparece saudando o público da plataforma montada no meio de estádio, e outras imagens de alguns dos diplomatas, oficiais do exército, deputados, além de uma visão panorâmica do local (CASASOLA, 1973, vol. V, p. 1699-1703)



Fig. III: Posse de Calles, 1924

Já existia preocupação com um espetáculo de grandes proporções. A cerimônia de posse tornou-se um ritual de massa, não ficando mais restrito ao recinto limitado do Congresso. A visualidade da transmissão do cargo presidencial se amplia, do espaço fechado restrito aos deputados, senadores e poucos convidados especiais, para o espaço aberto às grandes concentrações públicas de deputados, senadores, diplomatas, funcionários públicos, oficiais do exército e o público em geral. Mas esse ritual foi organizado a partir da própria estrutura do estádio, que permitiu um ordenamento dessa massa, reproduzindo a própria política e a sociedade mexicana.

Já a campanha eleitoral referente ao período presidencial seguinte (1928-1934) iniciou-se tendo em vista as mudanças constitucionais impostas por Obregón: permissão de reeleição e a expansão do período de governo para seis anos. Essas alterações fizeram surgir uma insatisfação que confluía para oposição. Afinal a proibição da reeleição fora uma das bandeiras da Revolução Mexicana.

Algumas novidades foram inseridas nessa campanha. Foram utilizados recursos de fotografias seqüenciais, como no caso da

manifestação de lançamento da candidatura de Obregón, quando vemos este último, e, em seguida, Alfonso Romandía, Antonio Díaz Soto y Gama e Aarón Sáenz, todos discursando de um balcão. Esse recurso, em que pese à rusticidade de sua utilização, já indica o surgimento de uma nova proposta de edição gráfica. Na parte textual, outro recurso utilizado foi a reprodução de trechos de discursos dos personagens mostrados nas imagens, fato que vai se repetir daí em diante. De resto, o padrão das coberturas fotográficas das eleições foi mantido com retratos de corpo inteiro ou de meio corpo dos candidatos e imagens das convenções partidárias, realizadas em sua maioria em teatros e fotografias das mesas diretivas. As fotografias de passeatas de estudantes, protestando contra a candidatura obregonista e solicitando a sua renúncia, constituem um diferencial (CASASOLA, 1973, vol. V, p. 1802-1811).

As imagens relativas ao dia das eleições não foram inseridas, o que denota a dificuldade do processo eleitoral desse ano. Nesse sentido o invisível tornou-se eloqüente. Assim, o álbum ignorou a votação, e apresentou, inclusive como fecho para esse volume, a chegada de Obregón à Cidade do México como presidente eleito, e posteriormente, seu assassinato. Mais um filho da Revolução era devorado pela violência política pós-luta civil. O volume se encerrou com o fim do período de influência do caudilho da Revolução.

Pairou uma suspeita de que Calles tivesse instigado o assassinato de Obregón. Os partidários deste preferiram aguardar o desenrolar das investigações e dos acontecimentos políticos em vez de tentar um movimento de força para derrubar o presidente. Este, por seu lado, manobrou com destreza o Congresso e rapidamente conseguiu que indicassem Emilio Portes Gil como presidente interino por um ano e afastou Luis N. Morones do governo, porque ele havia sustentado diversos conflitos com os obregonistas durante os últimos anos. Novas eleições foram marcadas para 1929. Em dezembro de 1928, um dia após deixar o cargo de Presidente da República, Calles tomou a iniciativa de fundar o Partido Nacional Revolucionário, seu testamento político. Tal medida visava unificar a "família revolucionária", permitindo que o país deixasse de ter no "[...] lugar do 'homem indispensável' uma instituição moderna: um grande partido que aglutinaria 'aos revolucionários do país' e desse continuidade ao grupo e a sua obra". (AGUILAR CAMÍN e MEYER, 1994. p. 110) Iniciava-se, assim, um período de predomínio político de Calles, o "Maximato", e quando os obregonistas tentaram uma reação, em março de 1929, era tarde demais e foram rapidamente

derrotados. Em seguida ocorreu uma nova depuração do Exército Federal.¹⁰

O presidente interino, Portes Gil, também realizou o juramento (*protesta*) à Constituição no Estádio Nacional, assim como havia feito Calles no período anterior, mas a grande novidade nessa cerimônia foi a leitura de um discurso do novo presidente, reproduzido novamente no corpo do texto do capítulo. A cerimônia encerrou-se com os acordes do hino nacional mexicano e salvas de canhão.

A campanha eleitoral de 1929 foi mais disputada que as anteriores e o primeiro pré-candidato apresentado pelo álbum era o licenciado Aarón Sáenz, um dos fundadores do PNR. Este contou com o apoio dos remanescentes da ala política obregonista dentro do PNR, e a princípio foi apoiado pelo Partido Nacional Agrarista e pelo Partido Socialista do Sudeste. O segundo candidato retratado foi o engenheiro Pascual Ortiz Rubio, no momento, embaixador no Brasil, considerado o candidato oficial, pois contava com a indicação do ex-presidente Calles. Com a confirmação desse candidato pela Convenção do PNR ocorrida na cidade de Querétaro, no mesmo Teatro Iturbide, onde foi realizada a Assembléia Constituinte, Sáenz retirou sua postulação. José Vasconcelos, ex-ministro da Educação Pública durante o governo de Obregón, que vivia exilado desde sua fracassada campanha ao governo do Estado de Oaxaca, foi lançado como pré-candidato pelo Partido Nacional *Antirreleccionista*, pela Frente Nacional Renovadora e outras agrupações políticas. Com apoio do pequeno Partido Social Republicano foi lançada a candidatura do veterano general revolucionário Antonio I. Villarreal. Outros dois candidatos foram lançados para essas eleições: o General Pedro Rodríguez Triana, pelo Partido Comunista e pelo Bloco de Operários e Camponeses, e o licenciado Gilberto Valenzuela.

Nessa campanha eleitoral foi dada uma atenção especial para o candidato José Vasconcelos. Um capítulo foi dedicado a apresentar seu giro político pelo território nacional com fotografias que o mostram

10 Veja, para esse período principalmente os livros de TOBLER, Hans Werner, *La Revolución Mexicana: transformación social y cambio político 1876-1940*. México: Alianza Editorial, 1994. principalmente as páginas 405-462 e 483-523 e KRAUZE, Enrique; MEYER, Jean; REYES, Cayetano. *História de la Revolución Mexicana 1924-1928: Estado y sociedad con Calles*. Vol. 11. México: El Colegio de México, 1981. MEYER, Lorenzo; SEGOVIA, Rafael; LAJOUS, Alejandra. *História de la Revolución Mexicana 1928-1934: Los inicios de la institucionalización*. Vol. 12. México: El Colegio de México, 1981; MEYER, Lorenzo. *História de la Revolución Mexicana 1928-1934: El conflicto social y los gobiernos del maximato*. Vol. 13. México: El Colegio de México, 1981.

discursando em teatros e em manifestações públicas. Na parte textual do capítulo foram reproduzidos trechos desses discursos, nos quais ele procura se aproximar da imagem de Francisco Madero. Atacou o governo atual, classificado de “caudilhista e violento”. Segundo Vansconcelos, o país necessitava de “[...] um governo de humanidade. Contra o porfirismo, oponhamos o maderismo, contra a barbárie, a civilização [...] Ao 'huertismo', que é a segunda reencarnação de Huitzilopetztlí, necessitamos contrapor um Governo de civilização.” (Casasola, 1973, vol. VI, p. 1964). O México, segundo seu discurso, era uma nação sem sociedade civil, sem partidos políticos organizados e sem iniciativa privada, já que esta se encontrava adormecida. Afirmava ainda que a “palavra” revolucionária havia sido “desnaturalizada”. Nesse capítulo ainda foram reproduzidas várias músicas da campanha vasconcelista, realizadas a partir de alguns *corridos* da Revolução, como “La Valentina”, “La Adelita” e “La Cucaracha”. A derrota e a presumível fraude eleitoral foram denunciadas de antemão a representantes da agência de notícias *Associated Press* no momento mesmo em que o candidato fugia em direção ao norte do país, temeroso pela sua integridade física. No dia 10 de dezembro, na cidade de Guaymas, lançou o Plano Vasconcelista, também reproduzido no álbum, conclamando a população mexicana a se sublevar contra o governo, o que não ocorreu.

O dia das eleições presidenciais foi apresentado em um capítulo de apenas uma página com duas fotografias: uma, do presidente Emilio Portes Gil dirigindo-se para a seção eleitoral, e outra, de populares depositando seu voto em uma das urnas nas seções. O juramento e posse do presidente eleito Pascual Ortiz Rubio (candidato oficial) deu-se sem maiores pompas. Seu governo ocorreu sob muita tensão, pois logo após a posse ele sofreu um atentado político. Com o passar dos meses foi perdendo a pouca autonomia e poder que tinha. O centro do poder cada vez mais se aglutinava em torno de Calles. Isolado, sem apoio no congresso, Ortiz Rubio renunciou em setembro de 1932. Foi necessário escolher um sucessor que completasse o resto do período de governo até o final de 1934. Coube ao Congresso indicar como presidente substituto o general Abelardo Rodríguez. A representação visual desses dois presidentes foi pouco significativa.

A campanha para o sexênio (1934-1940) apresentou os seguintes candidatos: coronel Adalberto Tejeda, pelo Partido de las Izquierdas; Román Badillo, pelo Partido *Antirreeleccionista*; Hermán Laborde, pelo Partido Comunista; o General Antonio I. Villareal, sem partido, e o General Lázaro Cárdenas, por uma coligação de partidos comandados

pelo partido oficial, Partido Nacional Revolucionário. Nessa campanha, o mais significativo, além das fotografias=padrão de convenções partidárias e seus respectivos delegados, foram as imagens de Cárdenas posando sentado ao lado de um indígena, que apresenta a legenda: "Aos povos mais afastados da civilização, às regiões mais inacessível das serras da República, vai o candidato do PNR., general Lázaro Cárdenas, para falar com os camponeses e conhecer a fundo seus problemas" (CASASOLA, 1973, vol. VI, p. 2104)

A apresentação do *bando*, do juramento e da posse do presidente eleito Lázaro Cárdenas não foi significativa, apesar de voltar a acontecer no Estádio Nacional, algo que não havia ocorrido com os dois presidentes anteriores.

O capítulo fundamental referente ao governo Cárdenas intitulou-se "Las antecámaras del Palacio Nacional durante el gobierno del General Cárdenas".(CASASOLA, 1973, vol. VI, p. 2170-2171) Esse capítulo foi editado apenas com fotografias e suas respectivas legendas. Nelas, vêem-se camponeses que foram felicitá-lo pela posse, mas também grupos de líderes agrários esperando ser atendidos para expor suas queixas.

Assim o álbum apresenta uma edição visual que mostra como as ante-salas do Palácio foram ocupadas com veteranos da Revolução, indígenas, políticos, membros do exército e engenheiros. As mais diferentes personalidades de várias classes sociais tiveram acesso ao novo presidente, denotando que esse mandatário tinha uma atitude diferente perante seus governados. Outro elemento que merece destaque na edição desse capítulo é a forte presença de camponeses e trabalhadores urbanos. Essas fotografias de camponeses e operários mostraram a presença de novos atores na cena política, fato que marcou profundamente o governo de Cárdenas, principalmente quando comparado com a diminuição de personagens políticos, como os militares, que deixaram de ser representados nos álbuns.

O sexto volume se encerrou com um capítulo referente ao rompimento entre o ex-presidente General Plutarco Elías Calles e o presidente Lázaro Cárdenas. O capítulo foi editado com retratos de Calles, do senador Ezequiel Padilha e diversas fotografias do "Chefe Máximo", com colaboradores e familiares no tribunal, pois o ex-presidente havia sido interpelado judicialmente. Também foram inseridos trechos de discursos, pronunciamentos e entrevistas de Calles e Cárdenas. Encontramos até a reprodução de um telegrama de José Manuel Puig Casauranc, no qual pede a Calles que deixe o país. Foi reproduzido o interrogatório de Calles, realizado por um juiz, sobre um suposto

contrabando de armas encontradas, fotografadas e apreendidas na casa do líder sindical Luis N. Morones, além de imagens de manifestações públicas de protesto contra Calles e Morones.

A edição de fotografias e de texto nesse trecho dos álbuns era equivalente.¹¹ Os trechos de discursos e do interrogatório e a reprodução de documentos (telegramas) procuraram reforçar o sentido de registro da história. O espaço reservado ao texto aumentou, enquanto o da fotografia diminuiu, não só em quantidade, mas também em tamanho. Mas o importante para a nossa leitura é o corte temporal adotado no volume: exatamente o momento em que termina um período histórico denominado pela historiografia como *Maximato*. O volume, aberto com um capítulo referente ao assassinato de Obregón e à indicação de Emilio Portes Gil como presidente provisório, se encerrava com o rompimento de Cárdenas com Calles e o fim da influência deste último na política mexicana. Para vários autores, o início efetivo do governo Cárdenas ocorreu exatamente no momento da renúncia de seu primeiro gabinete, formado por muitos elementos do grupo callista, e a indicação de um novo gabinete mais próximo do seu grupo político (TOBLER, 1994, p. 617).

Cabe destacar que, entre os volumes quarto e sétimo do álbum, as imagens de eventos diplomáticos foram mais recorrentes. As décadas de 1920 e 1930 foram marcadas pelas crises internacionais principalmente com os Estados Unidos e em menor medida com a Inglaterra, devido à nova legislação sobre os recursos naturais, em particular, o petróleo. Os impasses diplomáticos tinham repercussões na política interna.¹² Os governos que se seguiram à Revolução alternaram momentos de aproximação e distanciamento dos Estados Unidos. O padrão adotado no álbum era mostrar questões relacionadas às atividades de embaixadores (conferências, reuniões do corpo diplomático e visitas de líderes e dirigentes estrangeiros) em uma seção fixa, que se intitulou "Diplomáticos Mexicanos" ou apenas "*Diplomáticos*".

11 Em geral, nos álbuns a imagem prevalece com relação ao texto, não são como em outros suportes meras ilustrações ou uma simples complementação ao texto. As legendas, assim como o texto, constituíram estruturas dependentes da fotografia e representavam a síntese da imagem, ou mesmo uma "denominação" ou "etiquetamento". As legendas em particular assumiam, em alguns casos, o papel de uma ponte entre a fotografia e o texto.

12 Veja, para um balanço das relações México e Estados Unidos e Grã-Bretanha, principalmente em torno da questão petroléira, os livros de Lorenzo Meyer, México y los Estados Unidos en el conflicto petrolero (1917-1942). México: El Colegio de México, 1972 e Su Majestad Británica contra la Revolución Mexicana, 1900-1950; México: El Colegio de México, 1991; e Fridrich Katz, La guerra secreta en México; México: Era, 1990.

A postura de autonomia que o país procurou ter com relação ao seu vizinho do norte ficou patente quando o governo mexicano recebeu o líder nicaraguense César Augusto Sandino, em junho de 1929, durante o governo de Emilio Portes Gil. Sandino recebeu asilo político e foi considerado "Hospede de Honra". Essa postura de uma diplomacia independente foi reforçada durante o governo de Lázaro Cárdenas com a recepção dos filhos de republicanos espanhóis e diversos refugiados políticos do mesmo país. O álbum realçou esses fatos e deu destaque ao asilo político de Léon Trotsky. Mostrou também os últimos acontecimentos diplomáticos ocorridos no governo de Cárdenas.

5. A VIOLÊNCIA POLÍTICA E A VISUALIDADE DOS CONFRONTOS NA FAMÍLIA REVOLUCIONÁRIA

Esse período da história mexicana foi marcado por conflitos advindos do surgimento de um novo regime político com traços de um forte autoritarismo exemplificado de uma forma clara nas três insurreições militares tramadas dentro da própria "família revolucionária", resultantes, em geral, das disputas relacionadas à indicação política dos sucessores presidenciais. Os conflitos também se explicam pela natureza da liderança política surgida a partir da Revolução. Os chamados "Generais da Revolução", que eram importantes líderes políticos, não eram militares de carreira, mas "políticos a cavalo" que ganharam destaque ao longo da luta armada, como políticos e como chefes militares. Terminada a Revolução, passaram a disputar cargos e a pretender decidir os destinos políticos do país. As disputas entre eles explicam a tendência aos "putsch" que predominaram nos primeiros anos pós-Revolução. Assim foi o caso da "Revolución delahuertista" de 1923, da "Asonada Gómez-Serrano" de 1927, da "Revolución escobarista" de 1929 ou da "Rebelión cedillista en San Luis Potosí". Algumas dessas rebeliões resultaram de crises eleitorais, como ficou patente na campanha de 1929 e na posterior crise causada pelo candidato derrotado José Vasconcelos. Essas rebeliões acabaram sendo utilizadas como motivos para verdadeiros expurgos, tanto no exército como na classe política.

Vejam os enunciados que os álbuns apresentaram das rebeliões militares dentro da "família revolucionária". A primeira rebelião foi a "delahuertista" em 1923, fruto da não-indicação de De la Huerta como candidato à sucessão de Obregón. O levantamento delahuertista talvez tenha sido o que colocou mais em risco o México pós-revolucionário, pois reuniu cerca de metade do exército. Isso pode explicar o grande

espaço dedicado a esse acontecimento no álbum. (Casasola, 1973, vol. V, p. 1647-1675)¹³

Álvaro Obregón procurou prevenir a rebelião com mudanças entre os altos oficiais do exército, afastando aqueles que poderiam apoiar a sublevação. Não obstante isso, a polarização política havia chegado a um grau que não permitiu retroceder, e entre novembro e dezembro de 1923 várias unidades militares se sublevaram, principalmente nas regiões oeste e sudoeste do país. Os Estados mais afetados foram Veracruz e Jalisco, mas ocorreram atividades também em Oaxaca, Puebla, Chihuahua, Taumalipas, Tabasco e Chiapas. Huerta procurou mostrar um conteúdo social, lançando uma proclamação política conhecida como Plano de Veracruz. Alguns generais, governadores e personalidades importantes da política mexicana uniram-se ao levante delahuertista, como Gualupe Sánchez de Veracruz, Enrique Estrada, Antonio I. Villareal, Cândido Aguilar, o governador de Oaxaca, Manuel García Vigil, e o ex-governador de Yucatán, Salvador Alvarado. Os rebeldes formavam um grupo ideologicamente heterogêneo, que não conseguiu imprimir um caráter político ao movimento; o que os unia era o inimigo comum, o governo. A repressão do regime foi rápida e dura e os rebeldes perderam batalhas importantes em fevereiro e maio de 1924. Ao todo, cerca de sete mil pessoas morreram e muitos oficiais rebeldes foram fuzilados sumariamente.

A crise político-militar desenrolou-se a partir da não-indicação de Adolfo de La Huerta à sucessão presidencial. Essa situação expôs dois problemas do país no período: a ausência de um mecanismo institucional para a escolha dos candidatos presidenciais oficiais e a utilização dessas crises por parcelas do exército para tentar impor nomes e influenciar nas escolhas políticas. Com a sua derrota, a eleição tornou-se mera formalidade política. (TOBLER, 1994, p. 427-433)

Posteriormente, o motim (*asonada*, em espanhol) comandado pelos generais e candidatos presidenciais às eleições de 1928 Francisco Serrano e Arnulfo R. Gomez se voltou contra as reformas constitucionais (ampliação do mandato presidencial de quatro para seis anos e a permissão de reeleição) e posterior indicação de General Álvaro Obregón como candidato oficial. Os três vieram a morrer com uma diferença pequena de tempo entre eles. Serrano foi preso e fuzilado sem julgamento em 4 de outubro de 1927 e Gomez foi preso no começo de novembro e também fuzilado. Álvaro Obregón foi assassinado um dia após a sua

13 O capítulo referente ao levantamento delahuertista ocupa cerca de trinta páginas enquanto que o dos generais Gomez e Serrano, aproximadamente dez.

eleição em um restaurante nas imediações da Cidade do México. Essas mortes explicitam a violência que comandou a prática política mexicana nesse período (CASASOLA, 1973, vol. V, p. 1818-1828).

As crises decorrentes do processo sucessório foram um dos motivos que levaram Calles a criar o Partido Nacional Revolucionário, no intuito de estabelecer um mecanismo político de sucessão estável e controlável. Mas ainda assim, o novo partido não deu conta das disputas entre as facções políticas e Calles permaneceu como uma espécie de árbitro político. Segundo alguns autores, essa prática deu origem ao que viria a ser denominado um novo caudilho ou caudilho institucional. O objetivo dessa política era conquistar a adesão não só de líderes regionais ou locais, mas também dos novos atores políticos (MEDINA PEÑA, 1994, p. 75).

A revolução escobarista, que ocorreu em março de 1929, principalmente nos estados do norte - Sonora, Chihuahua, Nuevo León e Durango - contou entre seus participantes, além do próprio General José Gonzalo Escobar, com o general e governador de Chihuahua Marcelo Caraveo e demais generais obregonistas. Estes entendiam que Calles era o verdadeiro mandante do assassinato de Obregón. Assim, o levantamento militar contra Calles possuía muito mais características personalistas que políticas. Como em outros levantamentos, suas propostas foram divulgadas pelo Plano de Hermosillo. Esperava apoio dos cristeros¹⁴, em luta com o governo federal desde 1926 e de José Vasconcelos, além de algum tipo de respaldo dos Estados Unidos; mas não obtiveram sucesso com nenhum deles (Casasola, 1973, vol. VI: p. 1925-1932).

Foi a última das grandes rebeliões militares após a Revolução. Ela foi rapidamente sufocada e, além de proporcionar um novo expurgo no exército e até mesmo na Câmara, no Senado e em alguns governos estaduais, serviu para desencorajar possíveis militares descontentes, na medida em que deixou clara a força do governo central.

Com relação à estrutura narrativa desses capítulos no tocante aos aspectos visuais, podemos dizer que existe um padrão de representação em que se destacariam três grupos de elementos: os personagens, o espaço e a violência. No caso dos personagens, podemos dividi-los em: principais – os líderes, que de muitas maneiras assumem um papel

14 A Rebelião Cristera foi um conflito entre o governo de Calles e a Igreja católica ocorrido entre 1926 e 1929. Os cristeros uma coalizão rural entre distintas classes sociais, seguiu o padrão de movimentos camponeses e o motivo principal que levaram esses camponeses católicos à rebelião foi a luta contra as medidas anti-clericas do governo mexicano.

simbólico fundamental na narrativa; os secundários – os oficiais e representantes dos estados maiores; e por fim, os personagens coletivos – as tropas de infantaria, cavalaria e artilharia. O segundo grupo de elementos denominamos de espaço: o local propriamente dito do conflito, ou seja, o teatro da guerra, com seus acampamentos e equipamentos militares. Dentro ainda desse grupo podemos inserir as imagens do cotidiano da guerra, cenas de descanso, momentos de refeição e de diversão dos soldados. Por fim, o terceiro grupo de fotografias poderia ser reunido em torno da idéia da representação da violência do conflito através das cenas de destruição, devastação, mortos e feridos, e das cenas de ação.

A violência política endêmica não se restringiu às rebeliões ocorridas no seio da “família revolucionária”. Ela se manifestava no cotidiano, atingindo diferentes indivíduos, etnias e classes sociais. Podemos chegar a tal afirmação pelo acompanhamento das páginas do álbum. Observamos cenas dos dois atentados a Álvaro Obregón, perpetrados por grupos católicos, os quais por fim resultaram no seu assassinato; cenas do atentado ao presidente Pascual Ortiz Rubio, do assassinato do líder comunista cubano Julio Antonio Mella e do comunista russo León Trotsky. Os confrontos entre grupos políticos rivais, as mortes de educadores socialistas no interior do país e as execuções de condenados políticos também foram retratados no álbum, e demonstram bem a extensão da violência política nesse período.

Alguns aspectos dessa violência foram mais intensamente representados: os atentados a dinamite contra Álvaro Obregón e contra a Câmara dos Deputados durante o processo eleitoral de 1928, contra o trem presidencial que transportava Emilio Portes Gil e contra o presidente Pascual Ortiz Rubio. Essa violência, também presente no Congresso - onde ocorreram disputas entre os diferentes grupos e partidos políticos pelo controle das mesas diretivas e das principais comissões - revela-se através das imagens retratadas no álbum sobre um tiroteio no congresso envolvendo o deputado e o representante da CROM. Luis Napoleon Morones, que saiu ferido.

Fotos de assassinatos constituem outra temática presente nos álbuns: os assassinatos de Madero e Pino Suarez, do Senador Field Jurado, que era contra as mudanças na constituição, de Álvaro Obregón e de Lucio Blanco, ou a morte misteriosa por envenenamento do general sonorenses Benjamin Hill. Os fuzilamentos de revolucionários, anti-revolucionários e condenados por crimes comuns - como os bandidos conhecidos como do Automóvel Cinza - e de Obregón, e os

enforcamentos da cidade de Topilejo, fazem parte das cenas de violência retratadas no álbum.

As fotos referentes a confrontos entre grupos políticos organizados, tais como os enfrentamentos entre o *Camisas Rojas* e católicos na localidade de Coyoacán e entre os *Camisas Doradas* e comunistas no Zócalo, nos anos 1930, são emblemáticos e merecem uma análise mais aprofundada, pois explicitam a tensão social vivida pela sociedade mexicana do período.

Vejamos o capítulo “*Camisas Doradas vs Comunistas*”:

Los líderes insistían en que se impidiera el desfile de los elementos considerados como ‘fascistas’. (...) Al llegar al Portal de las Flores los ‘Dorados’, se movilizaron hacia las calles de la Corregidora; pero ya los obreros habían colocado una serie de automóviles en forma de barrera para impedirles el paso. En estos momentos se inicia el ataque con el estallido de unos cohetes a quemarropa sobre los jinetes de la ‘ARM’; después se lanzan varios disparos, que según algunos partieron de los comunistas más exaltados. Los ‘Dorados’ maniobraron rápidamente al toque de sus clarines, y los jinetes avanzaron con la intención de cargar sobre los comunistas, que esperaron a sus enemigos a pie firme. Aquéllos lograron rebasar la línea de los comunistas y dio comienzo la balacera. Los autos, a manera de tanques, corrían por la Plaza de la Constitución, en zig-zag, arremetiendo contra los jinetes de los ‘Camisas Doradas’. Los ‘Dorados’, haciendo uso de sus reatas, a la manera de los viejos chinacos e insurgentes, lazaban a los obreros, derribándolos y poniéndolos fuera de combate. Palos, pedradas, tiros, etc.! El Zócalo quedó convertido en un campo de combate! Las Guardias Militares de Palacio se aprestaron a la defensa, y para imponer el orden cortaron cartucho; pero recibieron órdenes terminantes de permanecer en sus puestos. La Policía brilló por su ausencia! Los dirigentes David Alfaro Siqueiros, Lorenzo Gómez y Carlos Sánchez Cárdenas, arengaban a los obreros para que siguieran resistiendo a los ‘fascistas’, como popularmente llamaban a los ‘Dorados’. (Casasola, 1973, vol. VII, p. 2222-2226)

Esse capítulo é emblemático, pois mostra os confrontos políticos transcendendo a esfera da “família revolucionária”. Os novos atores sociais, operários e trabalhadores urbanos, representados pelo sindicato dos taxistas, tendo à frente o pintor e militante comunista David Alfaro Siqueiros, enfrentaram os *Camisas Doradas*, grupo fascista que retirou seu

nome dos famosos *Los Dorados*, guarda pessoal e mais fiel de Francisco Villa. A foto do enfrentamento dos cavalos fascistas contra os automóveis comunistas é simbólica. Esse confronto estava ligado a uma disputa entre Calles e Cárdenas, e o rompimento desses dois homens fortes da política mexicana se deu em torno da política trabalhista de Cárdenas, que, segundo Calles, encaminhava o país para o comunismo.

Cárdenas, por seu turno, apoiou e obteve respaldo dos operários via *Comité de Defensa Proletaria*, que posteriormente transformou-se na *Confederación de Trabajadores de México* (CTM), e da *Confederación General de Obreros y Campesinos de México* (CGOCM), comandada por Vicente Lombardo Toledano. Esses acontecimentos ocorreram entre junho e dezembro de 1935. Nesse mesmo período, o Partido Comunista Mexicano aproximou-se de Cárdenas e de uma proposta de Frente Popular após a realização do VII Congresso da Internacional Comunista em Moscou, entre julho e agosto de 1935.

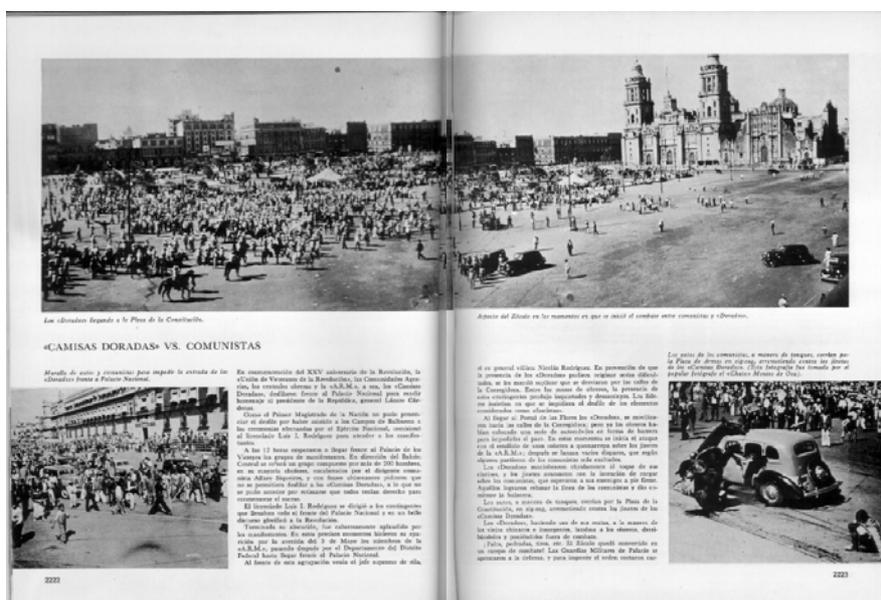


Fig. IV: Embates entre Camisas Doradas versus Comunistas, 1935

Foi nesse contexto nacional e internacional que Cárdenas rompeu com Calles e mudou seu gabinete em 14 de junho de 1935. Dois dias depois este último anunciou sua retirada da vida pública e viajou para o

estrangeiro; mas nos bastidores, continuou influenciando na política mexicana. Voltou em 5 de dezembro de 1935, porém a oposição que encontrou foi muito forte, pois seu capital político, simbólico e visual fora desaparecendo paulatinamente e sua debilidade frente a novos atores políticos e sociais era fragrantemente em meados da década de 1930. Novas forças políticas e sociais podem ser divisadas através do álbum, onde se observa a predominância das temáticas sindicais: disputas petrolíferas e ferroviárias e organização dos trabalhadores.

No governo Cárdenas, a reforma agrária se dinamizava, mas o que chamou nossa atenção foi a invisibilidade nos álbuns da transformação do antigo partido no novo Partido Revolucionário Mexicano. Na opinião de Luis Medina Peña, esta mudança representou a concretização da velha idéia de Álvaro Obregón, de um grande partido liberal, que incluiria todas as forças revolucionárias. Só que no governo Cárdenas foram inseridas forças sociais que até então tinham permanecido excluídas da cena política (MEDINA PEÑA, 1994, p. 153).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As páginas dos álbuns permitiram visualizar uma gradativa mudança da visualidade política - do predomínio de valores políticos em detrimento das preocupações sociais para uma visualidade em que as questões sociais se encontram no cerne das questões políticas. O registro das transmissões do poder deixou de ser um ritual fechado para tornar-se um ritual de massas. O destaque dado a esse ritual procurou reforçar a idéia de uma rotatividade do poder e de mecanismos democráticos eleitorais, mesmo quando a isenção destes métodos era questionada. Enquanto os antigos governantes eram retratados nos hipódromos, presidindo cerimônias ou em palanques distantes do público, os novos, Obregón, Calles e principalmente Cárdenas surgiram nas imagens ao lado de camponeses e operários, não só no campo ou nas cidades, mas também no próprio palácio.

A violência foi estampada nos álbuns como um elemento constitutivo da Revolução. Representava a cota de sacrifício da sociedade no parto de um novo Estado, um rito de passagem, e não foi objeto de críticas. A edição do álbum realizada pela família Casasola acabou por naturalizar a violência durante a fase armada e nas décadas posteriores através da elaboração do mito da revolução, legitimando o seu uso no futuro. A narrativa visual condensada no álbum procura representar um caráter ecumênico e um espírito conciliador da cultura política mexicana.

Não obstante, a violência entre os que disputavam o poder que substituiu a da luta armada continuou em outros espaços e com outros alvos. As fotografias dos presidentes como árbitros neutros e como únicos capazes de manter a coesão nacional frente aos embates internos e externos, procuraram transmitir uma sensação de concórdia, enquanto imagens que mostram a violência ajudam a desvendar os conflitos sociais e políticos do momento.

Talvez uma pesquisa comparativa com a dimensão visual do varguismo, do peronismo¹⁵ e da própria Guerra Civil Espanhola possa nos revelar novas possibilidades de interpretação da história contemporânea. Supomos que estes regimes, em suas imagens, enfatizaram mais a divisão e a oposição. Será que foi por isso que a questão dos direitos humanos no México nunca foi debatida profundamente, visto que a representação da Revolução naturalizou as mortes arbitrárias numa estetização da violência?

REFERÊNCIAS

- AGUILAR CAMÍN, Héctor & MEYER, Lorenzo. *A la sombra de la Revolución Mexicana*. México: Cal y Arena, 1994.
- AMAYA, Luis Fernando. *La Soberana Convención Revolucionária, 1914-1916*. México: Editorial F. Trilhas, 1966.
- BURKE, Peter. *Eyewitnessing: the uses of images as historical evidence*. Ithaca/New York: Cornell University Press, 2001.
- CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.
- CÓRDOVA, Arnaldo. *La ideología de la revolución Mexicana*. México: Era, 1992.
- GILLY, Adolfo. *La revolución interrumpida*. México: Era, 1994.
- KANTOROWICZ, Ernst H.. *Os dois corpos do Rei: um estudo sobre teologia política medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- KATZ, Fridrich. *La guerra secreta en México*; México: Era, 1990.
- KNIGHT, Alan. *La Revolución Mexicana: del porfiriato al nuevo régimen constitucional*. 2 vols. México: Grijalbo, 1996.

15 Para uma comparação do varguismo com o peronismo veja o livro de Maria Helena Capelato. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.

- KRAUZE, Enrique; MEYER, Jean; REYES, Cayetano. *Historia de la Revolución Mexicana 1924-1928: Estado y sociedad con Calles*. Vol 11. México: El Colegio de México, 1981.
- LEFORT, Claude. *Pensando o político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- MEDINA PEÑA, Luis. *Hacia el nuevo Estado: México: 1920-1930*. México: FCE, 1994.
- MEYER, Lorenzo. *Historia de la Revolución Mexicana 1928-1934: El conflicto social y los gobiernos del maximato*. Vol. 13. México: El Colegio de México, 1981.
- MEYER, Lorenzo. *México y los Estados Unidos en el conflicto petrolero (1917-1942)*. México: El Colegio de México, 1972.
- MEYER, Lorenzo. *Su Majestad Británica contra la Revolución Mexicana, 1900-1950*; México: El Colegio de México, 1991.
- MEYER, Lorenzo; SEGOVIA, Rafael; LAJOUS, Alejandra. *Historia de la Revolución Mexicana 1928-1934: Los inicios de la institucionalización*. Vol. 12. México: El Colegio de México, 1981.
- MONSIVAIS, Carlos. *Días de guardar*. México: Era, 1988.
- QUIRK, Robert E. *La Revolución Mexicana. La Convención de Aguascalientes, 1914-1915*. México: Editorial Azteca, 1962.
- RUVALCABA, Ignacio Gutiérrez. A fresh look at the Casasola Archive. *History of Photography*, vol. 20, n. 3 autumn, 1996, pp. 191-195
- TOBLER, Hans Werner. *La Revolución Mexicana: transformación social y cambio político 1876-1940*. México: Alianza Editorial, 1994.
- ULLOA, Berta. *Historia de la Revolución Mexicana 1914-1917: la revolución escindida*. Vol. 4. México: El Colegio de México, 1981.
- WOMACK JR., John. *Zapata y la Revolución Mexicana*. México: Siglo XXI, 1992.